

MUSEU DA PESSOA

História

Jogo dos 7 anos

História de: [Elaine Verônica Aparecida Biagioli](#)

Autor: [Elaine Verônica Aparecida Biagioli](#)

Publicado em: 13/05/2013



•

Tags

- [Oficina de Escrita da Memória](#)

História completa

A gente sempre aumenta um pouco quando conta um conto, mais juro que essa história é do tamanho que vou contar. A menina moleca e sapeca morava no interior, cidade "grande", bom assim diziam os turistas, Itu cidade onde tudo é grande. Morava numa vilinha, numa ruazinha de pedra onde tinham muitas crianças que por ali brincavam, tinha um rio com guarú e um trem que passava no final da rua de casa. A concentração acabava sendo sempre em frente de casa, e era aquela algazarra de deixar os vizinhos loucos de tanto barulho. Em casa tinha um quintal bem grande de chão e às vezes ia todo mundo brincar lá. Minha mãe era meio super protetora e por isso também preferia que as crianças fossem em casa ao invés de ficar tanto tempo na rua. Gostava de todo mundo junto, mais esse todo mundo junto nem sempre acontecia, ainda mais porque, sempre tinha um encrenqueiro. E mesmo sendo a menina super boazinha e tranquila, confesso que um pouquinho mandona e também meio politiqureira, mais mesmo assim, não sei o que acontecia que me metia em algumas encrencas, quase que sem querer, mais me metia e acabava entrando nessas enrascadas. Tudo acontece naquele dia que mais esperamos por algo, que uma coisa não pode cair, ela cai que um machucado não pode ser esbarrado, esbarra, esbarra e quase morre de tanta dor, o pão com manteiga cai de cabeça pra baixo, escova de dente cai com as cerdas no chão e assim vai... Eu até que me saia bem, mais é a vida, nem todo dia era dia de se sair bem. E voltando ao quintal gigante da minha casa, eu, os cachorros e as crianças, onde essa história realmente começa, bem no dia do meu aniversário, era um dia especial, mesmo gripadinha, felizes brincávamos, quando não sei por que cargas d'água alguém do outro lado do muro, na certa o tal do encrenqueiro que já tinha lhes falado, teve a "brilhante" idéia de atirar um pedaço de pau com um prego pelo muro, que veio voando e caindo caindo... direto em mim, lógico em quem mais poderia acertar? E não bastasse acertar em mim foi direto no olho. Foi aquela correria e acabou a brincadeira, cada um pra sua casa e num piscar de olhos, ou melhor, no piscar de um olho só, já que tinha levado uma paulada num deles, minha mãe me pegou e levou-me correndo para o médico, e para minha imensa sorte, só fiquei com um olhinho roxinho, poderia ter ficado cega! Ufã, escapei! Mais não pense que acabou aí - Saímos do médico e como estava meio com gripinha, passamos numa farmácia, tomei uma injeçãozinha e mesmo assim fiquei por lá caçando algo pra fazer. Foi muito rápido pra achar o que tanto amava nessa vida, podia ser um cachorrinho, sempre gostei mais de cachorros, mais era um gatinho lindo, peludo, com uma carinha de felino indefeso, senti que ele queria um abraço, ah ele queria, ele estava pedindo, e eu dei um bem apertado, só que ele me mordeu e saiu correndo. Chorei! Apesar da minha fama de fêlícia, não esperava isso dele. Por sorte eu era vacinada e ele não pegou raiva, quer dizer ele vacinado, e eu não peguei raiva, fiquei apenas com uma marquinha no braço. Ufã, escapei de novo! Bom, mesmo com tudo isso, eu ainda continuava feliz, porque ainda faltava comprar minha boneca Rosinha que tanto esperava. Fui com minha mãe numa loja gigante, tinha brinquedo até o teto. Compramos a Rosinha e sai feliz da vida. Na verdade o dia foi longo, me safei de várias e acabou tudo dando certo no final. E assim foi, meu aniversário de sete anos, com bumbum dolorido, curativo no braço e olho de pirata.